

## SUMÁRIO

*Agradecimentos / 7*

*Prefácio / 9*

*Recensão de Disbioética, volume III / 31*

*Introdução / 39*

1. MÁQUINA DE FAZER DINHEIRO / 43
2. DOR SILENCIOSA / 49
3. TORCENDO A SEMÂNTICA: DIREITOS REPRODUTIVOS / 55
4. BREVES NOTAS: NO FUNDO A QUESTÃO É SOBRE QUEM PODEMOS MATAR / 59
5. RESTRIÇÃO AO ABORTO NO CASO DO CHILE / 65
6. O EXTERMÍNIO DO AMANHÃ / 67
7. MEDIOCRIDADE MORAL DO HEDONISMO ABORTISTA / 97
8. DA SUBMISSÃO IMORAL À AUTORIDADE / 103
9. FANTÁSTICO AMONTOADO DE CÉLULAS / 107
10. HUMANIDADES MÉDICAS E RECONQUISTA DA EDUCAÇÃO LIBERAL / 113
11. WILLIAM OSLER E A MEDICINA COMO ESTILO DE VIDA / 117
12. TRANQUILIDADE MÉDICA / 119
13. COMO CONVERSAR COM QUEM LHE QUER MAL / 121

*APÊNDICE / 129*

*BIBLIOGRAFIA / 203*

*ÍNDICE REMISSIVO / 209*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a meus pais que permitiram meu nascimento. Agradeço à minha família e a meus amigos, que oferecem apoio e compreensão incondicional. E agradeço aos alunos que oferecem seu tempo de leitura e atenção, concordante ou discordante, em busca da reflexão séria a respeito da vida, da morte, do sofrimento, da saúde e da doença.

Agradeço a todos os que me precederam na luta contra a "cultura da morte". Pessoas que intuíram o mal que se coloca sobre nossa cultura e souberam apontar o perigo. Francis Schaeffer, Bernard Nathanson, Everett Koop, Olavo de Carvalho, Richard Weikart, Wesley Smith e muitos outros nos avisaram, e de coração ofereceram sua inteligência ao diagnóstico e ao combate de um dos grandes perigos da atualidade: a disbioética.

Não posso deixar também de agradecer ao editor Felipe Sabino, irmão em Cristo que comprou a briga a meu lado, e que tem colaborado de maneira ímpar no enriquecimento editorial do mercado brasileiro em termos de ética médica, humanidades médicas e bioética, traduzindo autores de grande relevância como Schaeffer, Rushdoony e Everett Koop.

É certo que, para compreender alguém, faz-se necessário entender contra o que ou quem a pessoa luta. Meus escritos estão postos contra a tecnocracia que se julga iluminada

e mais apta a cuidar da próxima geração que os pais e mães que amam os filhos.

Na “cultura da morte”, a dádiva imensurável do filho se transforma em um objeto de desejo ou aversão, um produto a ser adquirido ou exterminado, submetido ao desejo mais subjetivo dos genitores. Na concepção medíocre e destituída da esfera transcendente da cultura atual, o orgasmo vale mais que a vida humana.

Deixo aqui uma pequena e singela colaboração, uma coletânea de artigos que versa principalmente sobre o abortamento de nossos filhos.

## PREFÁCIO

Foi com imensa satisfação e prazer que tive o privilégio de ler em primeira mão os originais do terceiro volume da coleção primorosa de Hélio Angotti Neto, *Disbioética*, tomando a liberdade de traçar algumas linhas gerais sobre seu conteúdo, para que outros leitores, que deverão ser muitos, possam ter uma ideia do valor da obra e de sua imprescindibilidade para a verdadeira formação ética no mundo relativizado.

Em um *insight* extremamente feliz surge, no primeiro volume dessa coleção, o neologismo criado por Angotti Neto. A palavra *disbioética* descreve com completude e mestria o lamentável e deletério surgimento da “nova bioética” que, na verdade, constitui a inversão e perversão de tudo que se pode considerar ético ou bioético. É essa *disbioética* que Angotti Neto, prestando a todos nós um inestimável serviço, denuncia em cada um dos artigos que compõem os volumes da coleção. É a face horrenda da *disbioética*, marcada pelos sulcos da morte, da desumanização, da crueldade, da falta de empatia com o semelhante, da insensibilidade, do tecnicismo, do materialismo, do cientificismo e, principalmente, da zoologização e reificação do ser humano, que nos é apresentada sem peias.

No volume III de *Disbioética*, Angotti, logo nos agradecimentos, chama a atenção do leitor para a necessidade de avaliar o homem com a pergunta sobre qual é a luta desse

homem. Qual é a sua luta? Se a luta for valorosa, certamente valoroso é o homem que a enceta. Como se vê em cada um dos volumes de *Disbioética*, e no conjunto geral da obra de Hélio Angotti Neto, há imenso valor da luta e, como consequência, do homem que a leva a termo. O contato com o trabalho do autor é reconfortante porque nos dá a exata dimensão da existência de pessoas que ainda não submergiram no caos do relativismo destrutivo e são capazes de compor trabalhos de qualidade que podem manter a centelha do bom senso em meio a tanta insanidade. Que seja essa centelha o início de um imenso fecho de luz a nos guiar, como indivíduos e grupos, de volta à capacidade de crítica e manutenção do mínimo que seja de consciência sã. O autor afirma sua luta com clareza: “Contra a tecnocracia que se julga iluminada e mais apta a cuidar da próxima geração que os pais e mães que amam os filhos”.

O tema central do terceiro volume é o *abortamento* e a ideia basilar para lidar com o tema é o enfrentamento dos pseudoargumentos não só do aborto, mas de outras barbaridades, como o infanticídio, a eliminação de deficientes e idosos etc. Em suma, a obra toda é permeada pela tentativa de despertar a sociedade, e cada um de seus membros, do pesadelo que produz a confusão entre uma dádiva divina e natural com o exercício de mero desejo ou aversão, enfim, de vontade ou capricho subjetivo.

Sem dúvida, uma das críticas mais relevantes apresentadas por Angotti Neto na obra é a da “manipulação verbal” e seus eufemismos na tentativa (muitas vezes bem-sucedida) de fazer descer goela abaixo das pessoas coisas que provocariam, no aspecto verdadeiro e honesto, terrível sensação de engulho.

O Capítulo 1 trata da relação entre a defesa do abortamento e a ganância, o desejo incontido de lucro financeiro, disfarçado de “filantropia”. O exemplo mais gritante disso é